

Os tucanos torcem para Quércia

Ricardo A. Setti



Ave de bico grande, asas curtas e certa desproporção que não lhe tira a graça, o tucano tem dificuldade congênita de voar — mas os tucanos do PSDB rejeitam qualquer metáfora que associe o fenômeno à campanha eleitoral do senador Mário Covas, candidato do partido à presidência da República. “O Mário já decolou, sim — aliás, ele tem decolado, várias vezes por semana”, costuma brincar o presidente do PSDB, o ex-governador paulista Franco Montoro, para se referir às duas dezenas de grandes cidades brasileiras já percorridas pelo senador.

Na verdade, o que ocorre com os tucanos não é difícil de entender. Boa parte da parada, para o PSDB, está sendo jogada em gramado alheio — no caso, o PMDB. É do que acontecer no estridente saco de gatos do partido majoritário que vão depender os próximos passos dos tucanos. Saído de uma costela da velha frente que enfrentou a ditadura mas não soube administrar a transição nem com grandeza nem com competência, o PSDB considera que tem dentro do PMDB um exército de aliados potenciais, de proximidade política cimentada em antiga luta comum.

Os tucanos não se julgam, de forma alguma, meros coadjuvantes da sucessão. Consideram que estão no jogo para ganhar. Reconhecem, porém, que suas chances vão variar na exata proporção do tumulto que ocorrer no PMDB. Por causa disso, não escondem que têm um candidato preferido no outro partido: é o governador de São Paulo, Orestes Quércia.

Há um consenso no comando tucano de que, com Quércia, será muito mais difícil conter o estouro da boiada pemedebista para fora do curral partidário, especialmente da porção “progressista”. Se bem que parte desse rebanho bravo e descabeçado possa encaminhar seu tropel para a estância eleitoral do engenheiro Leonel Brizola, os tucanos acreditam que vão ficar com o maior número de cabeças.

Os tucanos não falam por falar. Só para começar, há um vistoso contingente de governadores de estado que, enquanto mantêm um pé no ar, já colocaram o outro na canoa do senador Mário Covas, para o caso de serem obrigados a metabolizar uma candidatura Quércia. O governador do Ceará, Tasso Jereissati, tem velho namoro com o PSDB, e seu apoio a um candidato do PMDB fica a cada dia mais problemático. O governador da Bahia, Waldir Pires, joga tudo para que os “progressistas” o façam o candidato do PMDB, e se perder é vice-presenciável na chapa de Covas, como Jereissati. Os governadores Carlos Bezerra, do Mato Grosso, e Geraldo Mello, do Rio Grande do Norte, já estão virtualmente apoiando o candidato tucano. Uma surpresa é o governador de Goiás, Henrique Santillo, um curioso caso de “progressista” do PMDB que se aproximou a contragosto do Planalto para poder

governar o estado. Como o Palácio passou a apostar suas fichas no ministro Íris Rezende, seu maior adversário em Goiás, Santillo passou a sentir uma crescente atração pelo ruflar das asas tucanas.

Isso, porém, não é tudo. O governador do Espírito Santo, Max Mauro, já mandou a mensagem: “Deixem a porta aberta para mim.” E, nos sonhos mais ambiciosos dos tucanos, aparecem, vez por outra, sinais de que podem no futuro materializar-se apoios poderosos e até agora inimagináveis ao senador Mário Covas — o do governador gaúcho Pedro Simon, por exemplo, e, quem sabe, obedecida uma série de circunstâncias, mesmo o do governador Miguel Arraes, de Pernambuco, que se declara horrorizado com o jogo de espertezas que enxerga dentro do PMDB. Os tucanos, interlocutores discretos e frequentes de ambos os governadores, acham que, se para Simon marchar com Quércia não será fácil, para Arraes é impensável. Estão bem informados. Não é por outra razão que Quércia, enquanto nega aos quatro ventos suas intenções presidenciais, trabalha em silêncio para só encarar o desafio se acompanhado por um vice “progressista”.

É por haver tantas possibilidades em aberto que os tucanos nem falam, agora, em candidato a vice. Sugestões como a do ex-governador Montoro, de que dona Risoleta Neves, viúva de Tancredo, possa ser o nome, constituem mais uma homenagem do que uma proposta ligada à vida real. O que há, no PSDB, é um debate informal sobre a questão. O senador José Richa, que até agora coordena a campanha Covas e funciona como tesoureiro improvisado da empreitada, acha que não há como escapar de uma composição com alguém do PMDB do Nordeste. Seria, lembra Richa, um caminho natural. Já outro cardeal tucano de primeiro escalão, o senador Fernando Henrique Cardoso, volta e meia insiste para que não se esqueça de Minas — afinal, somados, os votos de São Paulo, terra de Covas, com Minas chegam a impressionantes 27 milhões num universo de 80 milhões de eleitores, ou perto de 35% de todos os brasileiros que poderão votar no dia 15. O senador lembra que São Paulo exerce forte poder irradiador sobre o Paraná e os dois Mato Grosso, e que Minas influencia parte do Nordeste e, quem sabe, reverbera sobre o Espírito Santo.

Conversas com Minas até agora só têm sido feitas pelos mineiros do PSDB, e com a descrição correspondente e proverbial. Uma solução lógica nesse sentido seria o ex-governador Hélio Garcia. Ele, porém, se mantém com disposição de prolongar ao máximo sua estadia em cima do muro — o confortável apartamento na avenida Vieira Souto, no Rio, de onde contempla o mar e recebe com regularidade suíça a corte telefônica semanal do deputado Fernando Lyra, coordenador da campanha Brizola.

Os tucanos, de todo modo, se dizem sem pressa — para eles, a areia da ampulheta só começa efetivamente a descer depois do dia 30, quando a guerra civil do PMDB tiver terminado e parte considerável da tropa começar a trocar de uniforme.

Ricardo A. Setti é editor regional do JORNAL DO BRASIL em São Paulo